

por mais que caucionada por critérios veritativos de tomar a sério. E que se serve dos recursos literários, muito mais que de recursos teologicamente «científicos», para dizer o que quer dizer.

Um dos perigos que a interpretação e a aplicação desses documentos podem trazer consigo é, por isso mesmo, o de não se ter compreendido suficientemente este novo estilo, e de se assumirem os textos desses documentos como se fossem dogmas, isto é, no dizer de J. Farmerée, de se «separar o enunciado do ato de enunciação, a letra da inspiração» que lhe subjaz.

Na verdade, o Concílio quis fazer um pouco como fazia Jesus: (re)interpretar as Escrituras e a tradição, tendo em conta o «hoje» de Deus. No seu modelo – no seu estilo –, que segue o modelo de Jesus, está por isso contida uma norma fundamental: a sua interpretação, trinta, quarenta, cinquenta anos depois, não pode prescindir da pergunta: «Que diz *hoje* o espírito (o Espírito!) do Concílio à Igreja?».

Este livro oferece à consideração dos leitores, sobretudo dos teólogos e dos pastores, precisamente um conjunto de ensaios, apresentados por vários especialistas no terceiro colóquio do Grupo internacional de pesquisa sobre a hermenêutica do Vaticano II. Estão agrupados em três blocos: um sobre o estilo em ética, com três textos assinados por Guy Jobin, Éric Gaziaux e Walter Lech; um sobre o estilo em eclesiologia, com seis textos da autoria de Dominique Barnérias, Laurent Villemain, Gilles Routihier, J. Famerée, Peter De Mey e Arnaud Join-Lambert; o terceiro bloco versa sobre o estilo em teologia fundamental: François Nault, Olivier Riaudel, Christoph Theobald e Benoît Bourguine.

LUÍS SALGADO

SIEGWALT, Gérard, **Dieu est plus grand que Dieu. Entretiens avec Lise d'Amboise et Fritz Westphal**, coll. « Théologies », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2012, 292 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09799-4.

O género literário entrevista tem sido utilizado com sucesso em numerosos casos. Poderia lembrar aqui o best-seller em que se tornou a entrevista de João Paulo II ao jornalista (bem conhecido pela sua conversão religiosa) André Frossard, *Não tenham medo!* Ou a de Bento XVI a Peter Seewalt, editado em Portugal com o título *O sal da terra* (*Salz der Erde*). É deste género o presente livro. Entrevistadores e entrevistado são todos de religião protestante, sendo este professor honorário da faculdade de teologia protestante da universidade de Estrasburgo.

O título, sendo sugestivo e em certa medida pertinente, pode ser enganador. Na verdade, não se trata aqui de uma conversa sobre a transcendência e a misteriosidade de Deus, por mais que essa nota perpassasse de algum modo todo o discurso de G. Siegwalt. O livro, porém, oferece aos leitores, a perspectiva da teologia protestante (que, no caso, coincide substancialmente com a católica) sobre uma grande diversidade de temas e problemas que alimentam a inquietação e suscitam a curiosidade de muita gente. Com a vantagem deste género literário da entrevista: assuntos de grande alcance teológico são expostos em linguagem próxima do leitor comum, sem pelo facto perderem em rigor de expressão teológica.

É assim que, respondendo a sucessivas questões postas pelos interlocutores, G. Siegwalt expõe sobre coisas como a teologia da criação, sobre os ídolos da

cidade moderna, sobre quem é Deus e como relacionar a sua unidade com a do ser humano, sobre as realidades do mal e da morte, sobre Jesus Filho de Deus e Cristo para nós, sobre o dogma da Trindade, sobre o Espírito Santo e a Igreja, sobre mariologia e modelo marial para a Igreja, sobre a «catolicidade evangélica», sobre identidade e abertura nas religiões como nas teologias (a propósito de algumas tentações hodiernas de «fechamento identitário» tendencialmente integrista e fundamentalista), enfim, sobre a problemática do diálogo inter-religioso.

Um livro que se lê efetivamente com prazer e proveito, e que, por isso mesmo, bem poderia levar por título «Deus ao (bom) sabor da conversação».

LUÍS SALGADO

GIUSSANI, Luigi, **Pourquoi l'Église ?** vol. III de **ParCours**, coll. «Théologies», Les Éditions du Cerf (www.editions-ducerf.fr), Paris, 2012, 305 p., 235 x 145, ISBN 978-2-204-09776-5.

O autor é bem conhecido. Fundador do movimento «Comunhão e Libertação», professor que foi de teologia na Universidade do Sagrado Coração, na sua cidade de Milão, Luigi Giussani (1922-2005), neste terceiro volume da obra *ParCours*, procura evidenciar a natureza e o sentido fundamental da Igreja como sacramento de Cristo, visto, por sua vez, como o grande sacramento do Pai. Como se explica no breve «Avant-propos», tem em conta que, no que a Deus se refere, tudo é Mistério e nada é verificável. A única maneira de termos acesso ao mistério de Deus é o mistério da Encarnação, em que ressaltam duas grandes figuras da nossa história divina: Jesus Cristo e a Virgem Maria. E com elas

surge a Igreja, sacramento ou sinal vivo e experienciável de Cristo. Assim, depois de nos dois volumes anteriores ter tratado do sentido religioso (no primeiro) e da grande revelação de Jesus Cristo (no segundo), dedica este terceiro volume à adveniência da Igreja, fazendo questão de dedicar algumas páginas finais à figura de Maria.

Ao longo das páginas perpassa uma ideia constante: se Cristo é a imagem visível do Deus invisível, a Igreja, por sua vez, tem como única razão de ser oferecer ao ser humano a possibilidade de atingir a certeza de Cristo. Se é o que verdadeiramente deve ser, ela é uma realidade que se vê, se sente e se toca. E nela, e só nela, através dos crentes em Jesus Cristo, se vê, se sente e se toca, o próprio Cristo. Na condição, sempre, de a Igreja ser verdadeiramente sinal. E só sendo sinal na condição de ser Igreja viva.

Giussani desenvolve o seu discurso num estilo ele mesmo vivo, longe da frieza de uma teologia abstracta, assumindo-se em papel simultaneamente de teólogo e de apóstolo, não fosse ele o fundador de «Comunhão e Libertação». Aduz fontes da Sagrada Escritura, mas também factos (bastantes) da história da Igreja. Passa em revista as metamorfoses que a Igreja e a cultura envolvente sofreram, desde a configuração medieval, com a sua mentalidade própria em que a Igreja foi difusora de uma mentalidade cristã que envolvia a vida toda das pessoas e em que Deus era como «horizonte totalizante de toda a ação humana» (p. 43), até à situação presente de secularismo, laicismo e ateísmo. Pelo meio, analisa as fases sucessivas desta progressiva transformação: humanismo e Renascimento, racionalismo, iluminismo, cientismo... Tudo isso ele o faz numa primeira secção.

Na segunda secção, em plano trans-temporal, o discurso incide diretamente